

Construção de um Sistema de Conhecimento Autónomo da “Macaulogia” da China a partir do Paradigma de Civilização de “Um País, Dois Sistemas” como Base de Pensamento*

Qi Pengfei **

Desde a sua primeira edição, em 2010, a Conferência Internacional de Macaulogia, que este ano conta com a sua 7.^a edição, tem, pela primeira vez, como tema principal “‘Um País, Dois Sistemas’ e Macaulogia”. Isto, a meu ver, contribui, significativamente, para aprofundar os nossos estudos na área da “Macaulogia”. Neste sentido, gostaria de aproveitar esta oportunidade para manifestar algumas das minhas ideias e opiniões sobre o assunto, e o meu tema é: Construção de um sistema de conhecimento autónomo da “Macaulogia” da China a partir do paradigma de civilização de “Um País, Dois Sistemas” como base de pensamento.

Como todos sabem, a “Macaulogia” foi proposta e fortemente promovida pelos académicos locais ao longo do processo da transferência da soberania de Macau à China e tem alcançado avanços importantes e notáveis nos últimos 40 anos. São dignos de todo o nosso reconhecimento e merecem os maiores elogios, quer as reflexões e ideias únicas gradualmente desenvolvidas na definição e clarificação do conceito e princípios da “Macaulogia”, na determinação do seu alvo, nos temas prioritários e no âmbito dos estudos, na sintetização dos métodos, meios e instrumentos de pesquisa, na organização e na integração dos sistemas de

* Discurso principal proferido na 7.^a Conferência Internacional de Macaulogia.

** Director do Centro de Pesquisa de Taiwan, Hong Kong e Macau da Universidade Renmin da China e consultor da Associação Chinesa de Estudos de Hong Kong e Macau.

valores e de conhecimento e na construção do seu sistema de disciplinas, do seu sistema académico e do seu sistema discursivo, quer as influências relativamente grandes e positivas produzidas no sector académico e na sociedade com os resultados bastantes frutíferos obtidos com os estudos realizados na área da Macaulogia, tornando-a uma vertente académica mais representativa, proeminente e orientada no domínio dos “estudos sobre Macau” no seu sentido habitual.

O sucesso dos estudos na área da “Macaulogia” que alcançamos hoje em dia deve-se a vários factores, dois dos quais são de extrema importância e não-de ser mencionados: primeiro, os pioneiros da “Macaulogia” e os seus apoiantes colocaram, logo no início, como alvo e foco de pesquisa a história e a cultura de Macau, ou seja, dois campos de estudo com recursos abundantes e rica herança; segundo, os pioneiros da “Macaulogia” e os seus apoiantes fixaram os seus horizontes na dimensão teórica da “história global” e da “história globalizada” que destaca o “intercâmbio entre o Ocidente e o Oriente” e a “interacção e convivência multicultural”, procurando concretizar a “localização”, a “sinização” e a “internacionalização” desses “estudos regionais”.

Todavia, há que mencionar claramente que, até agora, os estudos de Macau na área da “Macaulogia” ainda estão longe do seu objectivo ideal de alcançar um desenvolvimento próspero; as explorações académicas e teóricas ainda não conseguiram uma transição criativa e um desenvolvimento inovador, passando de “em si” para “para si”, da “espontaneidade” para a “autoconsciência”, não tendo ainda sido concretizada a missão fundamental de construir, plenamente, os “três sistemas principais”, incluindo o sistema de conhecimento autónomo.

Os factores que conduziram a esta situação pouco satisfatória dos estudos na área da “Macaulogia” são igualmente complexos e interligados, dando como exemplo, os factores económicos mais importantes por detrás disso – não apenas o pequeno tamanho e a pouca influência de Macau enquanto microeconomia, mas também o modelo de desenvolvimento económico anormal ao longo dos anos e a sua imagem externa. Ao rever os próprios estudos na área da “Macaulogia”,

podemos deparar com várias questões confusas. Damos como exemplo as questões fundamentais da “Macaulogia”: os académicos locais como principais investigadores da “Macaulogia” conseguiram alcançar, ao longo de um longo processo de debates académicos e explorações teóricas, um consenso geral e opiniões dominantes com foco central na construção de “três sistemas principais”, enfatizando nomeadamente as “características” de “integração” e de “interdisciplinaridade” e o desenvolvimento de “vantagens” com base nestas “características”, devendo não apenas “olhar para trás” mas também “olhar para a frente”, procurando não apenas a sua “internacionalização” mas também a “sinização”. Felizmente, os académicos locais como principais investigadores da “Macaulogia” percebem, desde cedo, que há uma enorme distância entre a “Macaulogia”, que está ainda na fase inicial de desenvolvimento, e a “Dunhuangologia”, outro campo de estudo de carácter semelhante, mas que já se tornou uma vertente académica predominante a nível internacional. No entanto, há uma evidente lacuna significativa e crucial nos estudos na área da “Macaulogia” que, para mim, é como se fosse um espinho na garganta por um longo tempo, isto é, as questões sobre a relação entre a teoria e prática de “Um País, Dois Sistemas” e a “Macaulogia”. Não podemos negar que os académicos locais como principais investigadores da “Macaulogia” não ignoram o papel importante de “Um País, Dois Sistemas” na construção dos “três sistemas principais” da “Macaulogia”, tendo vários académicos realizado interpretações e abordagens académicas bastante bem fundamentadas teoricamente. Todavia, em termos globais, os académicos locais como principais investigadores da “Macaulogia” ainda apresentam deficiências relativamente graves em termos de consciência ideológica, de consciência teórica e de consciência académica relativamente à importância da teoria e prática de “Um País, Dois Sistemas” como parte integrante e indispensável, e também suporte fundamental e principal força motriz da “Macaulogia”. Porque temos de enfatizar isto? A razão é muito simples: não haveria a “história de Macau”, nem a “experiência de Macau” e a “sabedoria de Macau” sem a “história da China”, a “experiência da China” e a “sabedoria da China”; sem “Um País, Dois Sistemas”, não teria lugar à transferência da soberania de Macau, nem o nascimento da “Macaulogia”! Saindo do contexto da

reforma e abertura do País, saindo do contexto da grande revitalização da nação chinesa e da modernização à moda chinesa, e saindo do contexto da concepção científica e da concretização de “Um País, Dois Sistemas” no território de Macau e das linhas orientadoras para lidar com as “questões de Macau”, isto é, deixando de considerar “Um País, Dois Sistemas” como a sua base, o seu brilho e o seu tom principal, a construção dos “três sistemas principais” da “Macaulogia” tornar-se-á certamente uma “árvore sem raízes” e “água sem fonte”.

Porque dizemos isto? Quais são os fundamentos?

Primeiro, a transferência da soberania de Macau constitui um pano de fundo importante e a principal força motriz para a concepção e o surgimento da “Macaulogia”

Aqui, merece a nossa atenção especial um facto essencial: a causa directa e a força motriz para o surgimento da “Macaulogia” e o desenvolvimento do conceito e princípios da “Macaulogia” é, exactamente, a concepção científica e a concretização de “Um País, Dois Sistemas” no território de Macau e as linhas orientadoras para lidar com as “questões de Macau”, bem como a transferência da soberania de Macau à luz de “Um País, Dois Sistemas”. Explorar as raízes históricas e as características distintivas da “Macaulogia” é uma questão que não se pode ignorar.

A transferência da soberania de Macau implica a retoma da soberania de Macau pelo Governo Central da China, voltando Macau a integrar-se no sistema de governação do País. O fim definitivo do domínio colonial de Portugal e a separação da Pátria marcou um ponto de viragem muito importante na história após a abertura do porto de Macau, passando Macau a ser uma região administrativa directamente subordinada ao Governo Central da China, reunificando-se com o País, lutando todos em conjunto pela prosperidade nacional, pela felicidade do povo chinês e pela grande revitalização da nação chinesa; os compatriotas de Macau passaram, desde então, a ser os verdadeiros donos desta terra, partilhando, a par dos compatriotas do Interior da China, as grandes glórias do povo chinês e da nação chinesa que já “se levantaram”, “se

enriqueceram” e “se fortaleceram”. Além disso, a transferência da soberania de Macau refere-se ao retorno de Macau sob o modelo de “Um País, Dois Sistemas”; a essência e igualmente a característica fundamental do conceito científico e das linhas orientadoras de “Um País, Dois Sistemas” é a boa conjugação entre “Um País” e “Dois Sistemas”, procurando a “harmonia nos aspectos fundamentais do País” e permitindo a “existência de diferenças dos dois sistemas”, devendo assegurar o óptimo desenvolvimento não apenas do País, onde se implementa o sistema socialista, mas também de Macau, China, onde se implementa o sistema capitalista; trata-se de uma conjugação benéfica entre “defender efectivamente a soberania, a segurança e os interesses do desenvolvimento do País” e “assegurar a prosperidade e a estabilidade de Macau a longo prazo”, entre “respeitar o pleno poder de governação do Governo Central” e “garantir um alto grau de autonomia de Macau”, e entre “aproveitar o forte apoio do Interior da China” e “elevar a competitividade de Macau”. Trata-se, igualmente, de uma boa conjugação entre “abolir o colonialismo” e “manter o capitalismo”. Dizemos, portanto, que, “Um País, Dois Sistemas” é uma grande inovação e contribuição sem precedentes para o desenvolvimento da cultura chinesa e da civilização humana, criando um novo modelo de solução pacífica das disputas territoriais entre dois Estados na era de paz e do desenvolvimento, a fim de alcançar a unificação nacional, e um novo modelo de coexistência de dois sistemas sociais diferentes no Governo Central e numa região específica. Dizemos que, “Um País, Dois Sistemas” é a melhor solução para as questões de Macau deixadas pela história e a melhor estrutura institucional para manter a prosperidade e a estabilidade de Macau a longo prazo após o seu retorno. Com esta solução e estrutura institucional, as “vantagens e as características” insubstituíveis nas áreas política, económica, cultural, social e de relações externas, acumuladas ao longo do desenvolvimento histórico de Macau, podem ser preservadas ao máximo – é claro que devem ser adaptadas à nova era de “Um País, Dois Sistemas” após a transferência da soberania de Macau, que marcou um grande ponto de viragem na história, concretizando a sua transformação criativa e o desenvolvimento inovador.

A transferência da soberania de Macau não se refere apenas ao regresso à Pátria a nível político e jurídico, mas também a nível cultural e académico, isto é, uma reunificação das pessoas de Macau e da China. A transferência da soberania de Macau, que foi um grande marco histórico, coloca diante dos compatriotas de Macau as questões relacionadas com a adaptação a este marco histórico para concretizar a “descolonização”, em prol da construção da nova cultura de Macau na nova era de “Um País, Dois Sistemas”.

Isto quer dizer que a transferência da soberania de Macau, como um grande marco histórico, desperta a consciência dos compatriotas de Macau para serem donos da sua terra; cultiva nos compatriotas de Macau uma consciência étnica da nação chinesa e reforça a sua consciência nacional quanto à República Popular da China; incentiva a reflexão e o reconhecimento dos compatriotas de Macau sobre o papel de liderança predominante da cultura chinesa na reconstrução da cultura de Macau com base no “intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente”, na “harmonia com diferenças e na harmonia sem supressão das diferenças” e na “convivência multicultural”; incentiva a reflexão e o reconhecimento dos compatriotas de Macau sobre a importância da “descolonização”, pondo fim ao “eurocentrismo”, como forma de reconstruir o poder predominante e o poder discursivo da cultura de “Macau, China”, ao longo do processo de construção da nova cultura de Macau na nova era de “Um País, Dois Sistemas”. A área que se explorou e se desenvolveu pioneiramente é o campo ideológico principal da cultura de Macau – “Macaulogia”. Procede-se a uma nova revisão, organização e interpretação de “ontem, hoje e amanhã” dos assuntos políticos, económicos, culturais, sociais e de relações externas de Macau a partir de uma nova perspectiva, um novo modelo de pensamento e um novo paradigma, com adaptação ao contexto da transferência da soberania de Macau e à nova era de “Um País, Dois Sistemas”. Esta é uma missão histórica que os compatriotas de Macau que amam a Pátria e Macau, especialmente os intelectuais e académicos locais, devem assumir. Ora, o surgimento do conceito e princípios da “Macaulogia” é a resposta mais directa e forte da história.

Segundo, “Um País, Dois Sistemas” constitui o suporte fundamental e nutriente principal para o aperfeiçoamento contínuo da “Macaulogia”.

Após a transferência da soberania de Macau, os “estudos sobre Macau” têm alcançado avanços e sucessos importantes e sem precedentes, mostrando um cenário académico próspero, ao mesmo tempo que se aprofundam os estudos sobre as questões inerentes à “Macaulogia”, isto é, está a ser promovida constantemente a construção dos “três sistemas principais” da “Macaulogia”, fazendo surgir novas posições e ideias, dando origem às segunda e terceira ondas de grande debate sobre a “Macaulogia”.

Nos mais de vinte anos após a transferência da soberania de Macau, os estudos de Macau na área da “Macaulogia” conseguiram alcançar influência e resultados bons e significativos, graças a três condições fundamentais que não se podem ignorar nem evitar:

Primeira, a economia de Macau, que se encontrava estagnada e confrontada com dificuldades críticas antes da transferência da soberania, conseguiu revitalizar-se após o regresso à Pátria, abrindo um novo caminho de desenvolvimento que mantém a “característica tradicional” e a “vantagem regional” de Macau como “janela, ponte e via internacional” para a abertura do País ao exterior, em prol da “diversificação adequada da economia de Macau” e da transformação de Macau em “Um Centro, Uma Plataforma, Uma base”, conduzindo a um crescimento económico anual de dois dígitos, considerado de “ultra-alta velocidade”, tendo o produto interno bruto (PIB), o poder económico e a influência económica de Macau chegado ao ponto mais alto da história ao longo do seu processo de modernização.

Segunda, desde o início do novo século, nomeadamente após a adesão à Organização Mundial do Comércio em 2001, a economia da China tem registado um crescimento de alta velocidade, levando o PIB, o poder abrangente e a influência internacional da economia chinesa a um patamar mais elevado da história. Isto quer dizer que é precisamente após a sua transferência da soberania em 1999 que Macau se tem empenhado em perseguir, a par dos compatriotas do

Interior da China, o grande objectivo de revitalização da nação chinesa, tendo o PIB, o poder abrangente e a influência internacional da economia de “Macau, China” atingido um patamar mais elevado na história.

Terceira, após a transferência da soberania em 1999, a implementação de “Um País, Dois Sistemas” em Macau tem alcançado um enorme sucesso notável e reconhecido a nível internacional, tornando-se uma “região modelo” e uma “região piloto” para a implementação de “Um País, Dois Sistemas”.

No caso de região piloto para a implementação de “Um País, Dois Sistemas” – Hong Kong, que regressou à China em 1997, mesmo que tenha obtido, igualmente, grandes sucessos notáveis e reconhecidos a nível mundial com a implementação de “Um País, Dois Sistemas”, está a passar por grandes dificuldades e desafios sem precedentes, tendo surgido vários problemas novos e inesperados na implementação estável e duradouro de “Um País, Dois Sistemas”. Em contraste com o que acontece em Hong Kong que, após a transferência da soberania, tem enfrentado grandes dificuldades na implementação de “Um País, Dois Sistemas”, em Macau, desde o seu retorno à Pátria em 1999, a implementação de “Um País, Dois Sistemas” tem sido extremamente bem-sucedida, levando todos aqueles que se preocupam com o destino e futuro de “Um País, Dois Sistemas” a reflectir profundamente sobre o “caos” temporário do “modelo de Hong Kong” e a “governança” duradoura do “modelo de Macau” na implementação de “Um País, Dois Sistemas” e a reflectir profundamente sobre a implementação de “Um País, Dois Sistemas” “não deformada e distorcida” em Macau após a transferência da soberania, tendo a gente de Macau permanecido fiel aos seus valores fundamentais de “amar a Pátria e Macau”, em prol da valorização do “espírito de Macau” com base nas excelentes tradições do “amor à Pátria e Macau, da tolerância e do auxílio mútuos, da atitude pragmática e empreendedora”, com vista à conjugação benéfica entre “defender efectivamente a soberania, a segurança e os interesses do desenvolvimento do País” e “assegurar a prosperidade e a estabilidade de Macau a longo prazo” e ao sucesso das “três conjugações benéficas” as quais nunca podem ser ignoradas.

É precisamente por causa do enorme sucesso obtido com a implementação de “Um País, Dois Sistemas” em Macau após a transferência da soberania que os “estudos sobre Macau” na nova era de “Um País, Dois Sistemas”, nomeadamente os estudos na área da “Macaulogia” ganharam um suporte bastante forte e condições básicas sólidas para garantir o seu desenvolvimento, o que salienta ainda mais o papel objectivo de “Um País, Dois Sistemas” como a sua base, o seu brilho e o seu tom principal. Em contraste com o que acontece com a “Hongkonglogia”, objecto de debates intensos antes da transferência da soberania, mas que deixou de o ser depois de 1997, a “Macaulogia” continua a ser objecto de reflexão de muitos académicos de Macau após a transferência da soberania em 1999.

Terceiro, “Um País, Dois Sistemas” tem de ser considerado um elemento integrante e indispensável dos estudos na área da “Macaulogia”.

Ao rever os estudos na área da “Macaulogia” realizados nos últimos quarenta anos, antes e após a transferência da soberania de Macau, deparei-me com um fenómeno muito intrigante – nos últimos quarenta anos, os debates em torno da “Macaulogia” têm-se concentrado, essencialmente, ou, digamos, têm-se limitado a conferências temáticas, colectâneas de teses e dissertações, ou artigos de jornal que utilizam a “Macaulogia” como palavra-chave. É claro que, em termos gerais, os “estudos sobre Macau” estão de alguma forma relacionados com as questões inerentes à “Macaulogia”. No entanto, em termos gerais, quer nos estudos sobre a história da transferência da soberania de Macau com base no conceito e nas linhas orientadoras de “Um País, Dois Sistemas” antes de 1999, quer nos estudos sobre a implementação de “Um País, Dois Sistemas” em Macau depois de 1999, não se encontra em discussão a “Macaulogia”, seja intencionalmente ou não. Ou dizendo melhor, de um outro ponto de vista – até agora, “Um País, Dois Sistemas” ainda não está bem incluído no âmbito do estudo da “Macaulogia”, nem serve de sua base, de seu brilho e de seu tom principal. Nos estudos actuais de Macau na área da “Macaulogia”, os académicos preocupam-se mais com as questões relacionadas com a aculturação e a convivência multicultural resultantes do encontro, do intercâmbio e da integração das culturas e civilizações da China e do

Ocidente, tendo prestado menos atenção às questões relacionadas com a aculturação e a convivência multicultural resultantes do choque, do ajuste e da integração dos “dois sistemas” e das “duas ideologias” de Macau e do Interior da China. Em resumo, se essa grande lacuna, ou distância, não puder ser, atempadamente, corrigida ou suprimida, é provavelmente uma questão em aberto até onde e até que ponto os estudos na área da “Macaulogia”, que estão em andamento, poderão realmente alcançar.

Desde o lançamento do conceito científico “Um País, Dois Sistemas” e as políticas associadas pelo Governo Central da China no início dos anos 80 do século XX, e após a transferência da soberania de Macau, o grande ponto de viragem na história, que conduziu à integração de Macau no sistema de governação do País e na conjuntura do desenvolvimento nacional, dando origem à construção de uma “nova era de Macau”, os estudos sobre o “modelo de Macau” na implementação de “Um País, Dois Sistemas” têm alcançado grandes resultados notáveis e reconhecidos a nível internacional, ao mesmo tempo que têm acumulado ricas experiências profundas – incluindo experiências para enfrentar e lidar com diferentes riscos, desafios, contradições e problemas no caminho do desenvolvimento. A transferência da soberania de Macau e a implementação de “Um País, Dois Sistemas” trouxeram mudanças espectaculares e impactos importantes e profundos à história de Macau, constituindo não apenas o contexto fundamental e a principal força motriz para o nascimento e o crescimento da “Macaulogia”, mas também o suporte fundamental e o nutriente principal para o aperfeiçoamento contínuo da “Macaulogia”, devendo e tendo de ser bem incluídos no âmbito dos estudos da “Macaulogia” e ser considerados, verdadeiramente, elementos indispensáveis e benéficos para os estudos na área da “Macaulogia”, como a sua base, o seu brilho e o seu tom principal, servindo como uma base de dados e fonte inesgotável de recursos para a “Macaulogia”.

A implementação bem-sucedida de “Um País, Dois Sistemas” em Hong Kong e Macau, isto é, a prática e a experiência do “modelo de Hong Kong e Macau” de “Um País, Dois Sistemas”, criou um “novo caminho”, uma “nova forma” e um “novo paradigma” para a construção de uma “comunidade de destino

comum para a nação chinesa”, para o desenvolvimento da “civilização chinesa” sob o contexto de “duas conjunturas”, para a construção de uma “comunidade de destino comum para a humanidade” e para o desenvolvimento da “civilização humana” – ou seja, o “paradigma de civilização” de “Um País, Dois Sistemas”.

Então, o que é “modelo de Hong Kong e de Macau” de “Um País, Dois Sistemas”? Estou firmemente convencido de que deve ser interpretado da seguinte forma: o dito “modelo de Hong Kong e Macau” de “Um País, Dois Sistemas” compreende, de facto, duas vertentes: primeira, o “modelo de resolução de disputas internacionais” e o “modelo de unificação nacional” antes da transferência da soberania de Hong Kong e Macau, respectivamente, em 1997 e em 1999; segunda, o “modelo de governação nacional” e o “modelo de relação entre o Governo Central e os governos locais” após a transferência da soberania de Hong Kong e Macau. É claro que, tanto no que diz respeito à concretização da unificação nacional sob o modelo de “Um País, Dois Sistemas”, resolvendo, de modo pacífico, as disputas territoriais e as questões de soberania deixadas pela história por via de negociações entre os Estados interessados, como no que diz respeito à governação nacional sob o modelo de “Um País, Dois Sistemas”, resolvendo, plenamente, as questões relacionadas com o desenvolvimento harmonioso e a convivência pacífica entre o Governo Central e os governos locais, e entre o País e as regiões de Hong Kong e Macau, através da implementação de sistemas sociais diferentes dentro de um Estado soberano, assegurando a “prosperidade e a estabilidade a longo prazo” de Hong Kong e Macau, sem prejuízo da “soberania, da segurança e dos interesses e desenvolvimento do País”, trata-se de uma situação ímpar sem precedentes na história – tal como disseram Deng Xiaoping e o Presidente Xi Jinping – “‘Um País, Dois Sistemas’, foi o que Marx não mencionou, nem tinha precedente na história”. “O grande pensamento de ‘Um País, Dois Sistemas’ foi lançado por nós de acordo com a situação da própria China.” “Esta novidade não foi lançada pelos Estados Unidos da América, nem pelo Japão, nem pela Europa, nem pela União Soviética, mas sim pela própria China, o que significa ter características chinesas.” “Dentro de um país unificado, a implementação do sistema socialista no corpo principal do

Estado e do sistema capitalista em determinadas regiões de acordo com a, é algo sem precedentes na política e na prática ao longo da história humana.” “O conceito de ‘Um País, Dois Sistemas’ dá expressão à visão da paz e da harmonia na cultura chinesa e representa um princípio muito importante, ou seja, buscar um amplo terreno comum ao mesmo tempo que não deixa de lado grandes diferenças.” Trata-se de uma enorme contribuição dos comunistas chineses para o desenvolvimento inovador da teoria e da prática marxista na unificação e na governação nacional, uma enorme contribuição dos comunistas chineses para o desenvolvimento inovador do mundo moderno de “diversificação política, económica e cultural” em era de paz e de desenvolvimento, “uma enorme contribuição dos comunistas chineses para a civilização política e humana e uma proposta da nação chinesa com base na filosofia tradicional chinesa para resolver as questões sociais internacionais de natureza semelhante deixadas pela história!” Isto é precisamente o grande valor e significado do paradigma da civilização de “Um País, Dois Sistemas” sob o “modelo de Hong Kong e Macau” que nunca pode ser esquecido.

Isto é, o paradigma da civilização de “Um País, Dois Sistemas” oferece um sistema de referências históricas que devemos e temos de observar no desenvolvimento dos estudos de Macau na área da “Macaulogia”, dando uma resposta proactiva ao apelo do nosso tempo, o que permitirá ampliar o espaço de desenvolvimento e as oportunidades de desenvolvimento académico da “Macaulogia”.